



## A REVISTA DO IHGB E A DOCUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

Dantielli Assumpção Garcia<sup>1</sup>

Em 1838, funda-se na cidade do Rio de Janeiro, com base em um projeto apresentado à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) por Januário da Cunha Barbosa e por Raymundo José da Cunha Mattos, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Essa instituição se constitui com o objetivo de “coligir, metodizar, publicar ou arquivar documentos” (Extracto dos Estatutos, RIHGB n° 1, 1839, p. 18) relativos à história e à geografia do Brasil. Esses materiais servirão para que seja composta, pelos escritores da sociedade brasileira e internacional, uma história do Brasil. Um lugar em que se pode observar a organização desses textos sobre a história e a geografia do Brasil é a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (RIHGB). A RIHGB teve sua primeira publicação em 1839 e mantém sua produção até os dias de hoje. Nela, podemos notar a descrição das atividades da Instituição, os materiais sobre a história e a geografia do Brasil coletados e arquivados na revista. Em meio a esses materiais, encontramos os que dizem respeito ao saber linguístico.

Em nosso trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso em articulação com a História das Ideias Linguísticas (Orlandi 2002, Nunes 2006, 2008, Auroux 1992), analisamos como se constrói um saber linguístico na Revista, que formas de saberes linguísticos são coletadas/metodizadas/divulgadas na RIHGB. Nosso material de análise é inicialmente as RIHGB de 1839 até 1889 (Brasil Império). Analisamos também a RIHGB n° 400 (1998), que se constitui como um índice de todas as publicações da RIHGB.

Em nosso percurso analítico, pudemos notar o modo como o saber linguístico vai participando dos discursos da Revista do IHGB. Consideramos o saber linguístico como um saber produzido sobre a linguagem humana. Levamos em consideração para a análise do saber linguístico os seguintes pontos: autores, obras, conceitos, teorias.

Na RIHGB, temos a organização de um saber linguístico que é anterior ao que é produzido pela Linguística Moderna (que coloca como fundadores a gramática comparada do século XIX e depois Saussure no século XX). Na Revista, a constituição de um saber linguístico se dá a partir do século XIX, mas também há a retomada de séculos anteriores em um gesto de documentação de obras/autores do Período Colonial. Podemos observar um saber linguístico que vem desde o século XVI até o XIX. Há na Revista desde relatos de viagem em que podemos notar pequenos comentários linguísticos até a produção de grandes dicionários bilíngues no final do século XIX.

Argumenta Auroux (1992, p. 11) em relação à produção dos conhecimentos linguísticos que:

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Este trabalho faz parte de minha tese de doutorado *A revista do IHGB: um gesto de documentação linguística*, orientada pelo Prof. Dr. José Horta Nunes (FAPESP, Apoio FAPESP, processo 2007/58250-1).



Todo o conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é atemporalidade ideal da ordem lógica do desfaldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospectão, assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência, ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina, o idealiza do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.

Nas RIHGB, na construção do saber linguístico podemos ver essa temporalidade ramificada. Temos uma retrospectão (voltando-se ao Brasil Colonial, com textos de relatos de viagens, de jesuítas) e uma projeção (a construção do Brasil Império, por meio dos dicionários bilíngues). Nas Revistas, temos uma seleção do passado com escolhas que legitimam a construção de um dizer do Brasil Império. Há, na constituição do saber linguístico, uma memória e uma atualização dessa memória projetando-a para o futuro.

A RIHGB busca, no século XIX, documentar uma história para o Brasil em que as línguas indígenas surgem como um objeto central de documentação. Temos nas Revistas do IHGB a divulgação de dicionários, listas de palavras, vocabulários, comentários sobre as línguas indígenas. Essas obras publicadas na RIHGB foram coletadas ou em arquivos ou em aldeias indígenas (“pesquisa de campo”). Essa pesquisa de campo é realizada com o objetivo de estabelecer os limites geográficos para o Brasil. Ao estabelecer esses limites, o sujeito que habita esse espaço participa da formulação de dizeres sobre o espaço que está sendo demarcado. Os membros do IHGB, em suas posições de autores, legitimados pelo Instituto, vão formulando dizeres e retomando outros que, de algum modo, vão construindo um dizer oficial/nacional/patriótico/científico sobre o Brasil. Na Revista, vemos documentada uma história que fundará outros dizeres que ecoarão na memória do sujeito brasileiro.

Nossas análises das Revistas do IHGB se dividem em quatro recortes:

1. *Um discurso de abertura: o IHGB e sua Revista.*
2. *O saber linguístico na Revista do IHGB.*
3. *A Revista do IHGB e os instrumentos linguísticos.*
4. *A RIHGB n° 400 e o percurso temático de arquivo.*

No primeiro recorte, analisamos os discursos do IHGB sobre o Instituto e sobre a RIHGB. Para analisar os discursos do IHGB, selecionamos como material a RIHGB n° 1, de 1839. Consideramos essa revista como um discurso inaugural que salienta as metas, as funções, as propostas do IHGB. Ao inaugurar o Instituto, funda-se um discurso também sobre a história e a geografia do Brasil. No IHGB, será criado um espaço para as discussões desses dois campos do saber. Além dessa análise da Revista do IHGB n° 1, realizamos uma leitura de alguns trabalhos de historiadores com o objetivo de perceber como esses historiadores efetuam uma leitura do IHGB, ou seja, de que modo eles compreendem a fundação dessa instituição e de sua revista. Selecionamos



os seguintes trabalhos: Guimarães (1988), Schwarcz (1989, 1993), Guimarães e Holten (1994), Guimarães (1995) e Sánchez (2003). Esses trabalhos nos serviram de embasamento teórico para a compreensão do IHGB e de sua Revista.

O IHGB, no ato de sua fundação, filia-se a um discurso nacionalista/patriótico. Exaltam-se as coisas da Pátria, buscando mostrar o quão nacionalista é o Brasil, o quão culta está a sociedade brasileira. Busca-se uma semelhança entre o IHGB e outras instituições que apresentam um discurso já legitimado. Além disso, forte se faz a relação com o Governo Imperial. D. Pedro II, como patrono do IHGB, participa das discussões, propõe temas a serem pesquisados, doa materiais de sua biblioteca relativos à história e à geografia do Brasil.

No ato de fundação do IHGB, a nação é aclamada, o país é exaltado. Filiando-se a um discurso romântico o IHGB aponta os sentidos do que é ser patriótico, do que é ser brasileiro. A instituição filia-se a um dizer nacionalista e os brasileiros devem cumprir também essa função, que é ser “amante das letras e da Pátria”. As letras, no IHGB, abarcam os conhecimentos literários, científicos, históricos e geográficos do Brasil. O IHGB, como uma “associação literária”, documenta e divulga, por meio de sua Revista, esses saberes sobre o Brasil.

A Revista será o lugar em que todas as atividades do IHGB estarão documentadas. Nas atas, documentam-se as obras ofertadas ao IHGB, os membros que são aceitos para fazerem parte da Instituição. Nelas, temos um discurso que busca “guardar”, “arquivar” os dizeres produzidos no IHGB. Nas atas, podemos ver o gesto de documentação do IHGB que sempre tem como finalidade “preservar” sua história.

Para alguns historiadores, o IHGB é um espaço de construção da história nacional, para outros, o IHGB produzirá um dizer oficial sobre o Brasil que não poderá ser contestado. Nas análises desses trabalhos, podemos perceber o modo como o IHGB vai se significando no século XIX e contribuindo para um fortalecimento da própria Nação. Ao se fortalecer como Instituição, o IHGB também produz o fortalecimento do Brasil. O IHGB dará unidade ao Brasil, centralizará o debate sobre as questões de história e geografia.

Ao falar sobre a Revista do IHGB, os historiadores a dividem de maneira distinta. Para uns, a maioria do material produzido/documentado foi relativo à história e às biografias de brasileiros ilustres. Para outros, há diversos tipos de textos sendo documentados no IHGB. Desde atas até grandes dicionários.

As análises dos historiadores nos permitiram refletir sobre o Brasil do século XIX e o modo como essa instituição foi sendo significada naquele período e como ela é lida atualmente no campo da história.

Em *O saber linguístico na Revista do IHGB*, compreendemos a construção do saber linguístico na Revista do IHGB. Mostramos que os trabalhos publicados na RIHGB sobre um saber linguístico brasileiro são baseados em (i) comentários linguísticos – em que se nomeiam seres e coisas, fala-se sobre a forma da língua, sobre sua história – (ii) aspectos fonéticos/ortográficos – em que se realiza um estudo sobre os sons das línguas e sua representação ortográfica – (iii) aspectos



históricos/etimológicos – em que a unidade de análise é a palavra em sua história (uso) e em sua etimologia; (iv) tratados gramaticais – em que as práticas voltam-se para a constituição de um saber linguístico que analisa os diversos domínios de uma língua, no caso específico das RIHGB do século XIX das línguas indígenas, e sua relação com a língua portuguesa. Nas RIHGB do século XIX, o olhar estava para o índio e seu falar. Nesses trabalhos, pudemos notar a disciplinarização de estudos que se voltam para o saber linguístico. Esses estudos são entremeados pelos estudos geográficos, antropológicos, etnográficos, científicos e históricos. Disciplinariza-se um saber linguístico enciclopédico em que diversos domínios contribuem para a constituição de um dizer sobre as línguas do Brasil e de suas fronteiras.

No terceiro recorte, analisamos o modo como os instrumentos linguísticos (principalmente os dicionários) são coletados e divulgados nas RIHGB. Refletimos sobre como se constituem os instrumentos linguísticos e que discurso eles produzem. Para isso, analisamos os textos introdutórios, a nomenclatura, a definição, a etimologia apresentados nos instrumentos linguísticos. Pudemos perceber que a RIHGB publica desde listas de palavras em língua indígena-língua portuguesa (vice-versa) até dicionários de especialidades, no caso específico do IHGB, dentro dos domínios da história e da geografia brasileira. Nas obras lexicográficas um dizer sobre o Brasil e suas línguas do tronco Tupi-Guarani, do tronco Macro-Jê e da família Aruák também são contemplados. Na análise das obras é possível observar como o saber linguístico foi participando da constituição da história de um país, como os índios entraram em cena, como os escravos e outros povos também participaram da formação de uma língua portuguesa. Ademais, podemos perceber como as relações com pesquisas estrangeiras são vistas na RIHGB. Traz-se o discurso do estrangeiro à RIHGB, mas o IHGB sempre terá algo a acrescentar, a comentar. O saber estrangeiro sobre o Brasil está sempre na incompletude que o IHGB busca preencher com seus dizeres produzidos por sujeitos nacionais.

Por fim, em *A RIHGB n° 400 e o percurso temático de arquivo*, analisamos a RIHGB n° 400, de 1998. Essa Revista é um índice dividido em *Assunto*, *Título* e *Autor*. A *Revista n° 400*, como um texto documental, estabiliza sentidos e vai construindo um discurso da história em que podemos ver como as línguas do tronco Tupi-Guarani, em uma relação de força, se sobrepõem às línguas de outros troncos indígenas, tais como do tronco Macro-Jê, e cria um imaginário de unidade, de homogeneidade. Embora até se apresente a diversidade das línguas do Brasil, esta é homogeneizada na tematização, gerando assim um controle do multilinguismo existente no Brasil desde o início da colonização.

Uma questão que permeia todo o nosso trabalho é a da *documentação*, ou seja, como a RIHGB, com seu gesto de coleta e metodização, documenta um saber linguístico no século XIX. Com esse gesto de documentação podemos perceber como os membros do IHGB liam os arquivos, o que é de interesse do Instituto. Por meio da documentação, temos de certa maneira a atualização de uma memória que estava preservada em outros arquivos que não o IHGB. O século XIX será o período em que o IHGB, por meio de sua Revista, documenta uma história do Brasil.



Conforme Nunes (2008, p.82), o discurso documental pode ser visto enquanto uma prática de arquivo, mediada pelas instituições e que produz uma memória institucionalizada, estabilizadora de sentidos. Ao participar da construção do arquivo, o discurso documental estabelece uma regionalização da memória da ciência. Nas palavras do autor (2008, p.82-83), o discurso documental é:

um saber científico que toma forma na relação com as instituições, os sujeitos da ciência, os meios de circulação do saber, dentre outros aspectos conjunturais. Esse discurso tem por materialidade específica os textos documentais, ou seja, textos que tomam esses materiais como objetos. Desse modo, trata-se de um discurso científico que se realiza por meio de textos documentais e que produz uma historicização da ciência.

Com a finalidade de construir um passado linguístico às línguas do Brasil, a RIHGB se volta para uma pesquisa de natureza prática determinada pela enunciação, pelas línguas e pela escrita. As falas dos membros do IHGB serão adequadas às finalidades do Império que é dotar o Brasil de uma história e uma geografia. A RIHGB volta-se para o estudo das línguas, com a finalidade de explicitar a singularidade dessas línguas frente à língua portuguesa. Nessa prática, o domínio da escrita dá lugar à constituição de técnicas de documentação, de escrita dos textos e assim se inicia a formação de “especialista” em certos dizeres.

Nosso objetivo neste trabalho é explicitar o modo como analisamos o IHGB e sua Revista. Refletimos, dessa maneira, sobre a divulgação de um saber linguístico na RIHGB. A circulação desse saber possibilitou ao IHGB se constituir como uma instituição que tem poder para falar/pensar/analisar o Brasil do século XIX e dos séculos anteriores. É no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que uma história relativa ao Brasil é construída e legitimada e é na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* que esta história pode ser lida, contada, documentada pelos próprios sujeitos que a constituem, ou seja, os brasileiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GUIMARÃES, M.L.S. Uma história da história nacional: textos de fundação. Disponível em: <[www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/1122008005626.pdf](http://www.coresmarcasefalas.pro.br/adm/anexos/1122008005626.pdf)>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

\_\_\_\_\_. Nação e civilização nos trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma história nacional. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

GUIMARÃES, L.M.P. Debaixo da imediata proteção de sua majestade imperial: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). *RIHGB*. Rio de Janeiro. v. 156, n. 388, jul/set, 1995.

\_\_\_\_\_; HOLTEN, B. *O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Real Sociedade dos Antiquários do Norte e o Dr. Peter Wilhelm Lund: a suposta presença escandinava na Terra de Santa Cruz e a ciência*. Disponível em: <http://lasa.internacional.pitt.edu/LASA97/quimholten.pdf>.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
O acontecimento do discurso: filiações e rupturas  
Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011

NUNES J. H. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, São Paulo, São José do Rio Preto: Pontes, Fapesp, Faperp, 2006.

\_\_\_\_\_. *O discurso documental na história das idéias lingüísticas e o caso dos dicionários*. Alfa. 2008.

ORLANDI, E.P. *Língua e Conhecimento Lingüístico*. Campinas: Pontes, 2002.

SÁNCHEZ, E.C.T. *Revista do IHGB: um periódico na cidade letrada brasileira do século XIX*. Dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas, IEL, 2003, 221p.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, institutos, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. *Guardiões de nossa história oficial*. São Paulo: Idesp, 1989.